

QUANDO FALTA A PAIXÃO PELA IGREJA DE CRISTO

Ouvi certa vez uma frase que dizia que nós nos acostumamos com a grandeza e fazemos dela algo corriqueiro e comum. Concordo plenamente! Isso ficou mais nítido para mim quando conversei a não muitos dias atrás com um visitante que participou de um dos cultos de nossa Igreja e ao terminou me procurou querendo conversar. A primeira expressão que ouvi dos lábios dele foi: “mas que coisa maravilhosa aconteceu aqui hoje.” Ele estava impressionado, maravilhado, feliz... Disse que nunca havia participado de um momento como aquele. Elogiou as músicas, a pregação e até o modo carinhoso como foi recebido. Me fez várias perguntas sobre a Igreja e no término da conversa ele queria dar uma oferta pois ficara impressionado com aquilo que a Igreja fazia. Sai do templo, passei pelo hall e encontrei um membro da Igreja. Ele me chamou para conversar também. O assunto era o mesmo: o culto que acabávamos de celebrar. Os comentários em um resumo curto foram: “o culto de hoje não foi tão bom assim...” Sai da última conversa pensativo. O culto fora maravilhoso ou comum? Qual das duas opiniões estava correta? Possivelmente as duas estavam de acordo com o coração de cada um. Confesso que fui para casa pedindo a Deus que meu coração fosse como o daquele visitante. Que à cada culto eu voltasse maravilhado para casa, consciente de que aquilo que aconteceu não foi algo comum. De lá para cá tenho pensado muito nisso. E tenho chegado a uma conclusão: não posso de modo algum encobrir ou diminuir a grandeza das coisas de Deus e muito menos a importância da Igreja de Jesus. Quero olhar a Igreja sempre com olhos de admiração, vendo-a não como a ‘minha’ Igreja mas sim a ‘Igreja de Jesus Cristo.’ Quero olhar mais para as virtudes, as alegrias, as manifestações de graça através da Igreja e à cada dia dizer: ‘obrigado Senhor, eu faço parte disso!!!’

Imagino que essa falta de admiração pela Igreja começa com a liderança. Somos nós que trabalhando todos os dias acabamos nos acostumando com a grandeza. Vamos aos poucos roubando o significado de coisas que não são comuns. Nos acostumamos com o louvor, com a mensagem, com o aconselhamento, com as aulas, com a conversão de alguém e até mesmo com uma manifestação de amor cristão dada a um irmão em Cristo. Tudo vai se tornando comum. E aí vamos nos esforçando cada vez menos, nos emocionando cada vez menos, nos empolgando cada vez menos e nos maravilhando cada vez menos. E onde falta emoção, esforço, empolgação e outros sentimentos motivadores sobre aquilo que Bill Hybels chama de ‘falta de paixão.’ É essa falta de paixão que faz alguém dizer que um culto não teve graça, que uma aula não precisa de tanta preparação e que uma conversão é apenas um acréscimo numérico. Essa falta de paixão vai roubando nossa visão e acabamos trabalhando muito mais por um costume ou obrigação do que por uma paixão pela qual valha a pena até morrer.

Assisti há alguns meses atrás um vídeo onde é mostrado um homem bomba declarando - algumas horas antes do atentado em que participaria - quais eram suas motivações para tirar de modo tão brutal sua vida e a de tantas outras pessoas. Em suas palavras, carregadas de medo e determinação, pude sentir sua paixão. Ele cria que aquela causa era tão justa, tão nobre, tão maravilhosa, que valia a pena entregar sua vida, em um gesto apaixonado, afirmando de modo categórico a importância de tal ato. Ali estava um homem apaixonado, alguém que tinha uma visão maravilhada de sua crença. Alguém que tem uma disposição incrível e é capaz de morrer porque pelo menos naquela hora a causa é mais

importante do que a própria vida. Toda essa determinação e paixão podem ser vistas em Jesus Cristo que na narrativa de Efésios 5:25 morreu pela Igreja porque a amou, vendo nela o que nós, que dela fazemos parte, deixamos de ver. E porque deixamos, estamos por vezes dando o nosso mínimo, a nossa sobra, agarrando-nos às nossas pequenas convicções que ainda nos sustentam enquanto há grandes coisas que nos passam despercebidas.

Certa vez um repórter do New York Times – após o chamado ‘domingo sangrento’ de 7 de Março de 1965 - perguntou a Martin Luther King Jr. se era razoável lutar por uma causa tão difícil, que foi a igualdade de direitos civis nos Estados Unidos da América. Sua resposta foi contundente: ‘essa é uma causa pela qual vale a pena morrer.’ Três anos mais tarde Luther King seria assassinado e com sua morte foi consumada a maior mudança política americana no que se refere aos direitos civis. Isso é paixão. É de fato ter uma causa tão maravilhosa a defender pela qual se pode até mesmo morrer.

Precisamos de paixão pela Igreja. Precisamos nos maravilhar com a Igreja. Nunca é demais nos emocionarmos com aquilo que custou a vida de Jesus Cristo. Nosso trabalho terá uma nova motivação se houver em nós paixão. Seremos capazes de nos esforçar, de lutar mais e de sonhar com um futuro sempre abençoador para a Igreja.

Que haja essa paixão em mim e em você. E que por ela sejamos capazes de morrer, começando por nossas vaidades, auto-suficiência e orgulho.

Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez

Pastor Titular da Igreja Batista Betel

www.prgimenez.net